

A desigualdade social sob o ponto de vista de Apparicio Silva Rillo e Lygia Bojunga Nunes

Cristiane Araújo Rapeti

URCAMP

A desigualdade social é um tema recorrente nas obras literárias modernas e pós-modernas. Muitos são os autores que tratam em suas produções literárias essa temática. Dois brilhantes escritores gaúchos foram escolhidos para ilustrar o referido tema: Apparicio Silva Rillo e Lygia Bojunga Nunes. Os dois, usando gêneros literários distintos, Rillo na poesia e Bojunga no conto, discorrem poeticamente sobre o tema da desigualdade social a partir do olhar ingênuo de dois meninos. Rillo, com o poema *A casa e seus meninos* e Lygia Bojunga, com o conto *O bife e a pipoca*.

O poeta Apparicio Silva Rillo publicou o poema em questão no livro *Poço de Balde*, lançado em 1991. Nele, nos é apresentada a problemática da diferença social por dois meninos que moravam na mesma rua e que, ao se conhecerem, conhecem também a disparidade social entre os dois: o primeiro menino, que morava na casa maior e com pintura nova e *janelas vestidas de azul* e o segundo, *que morava na casa menor que não tinha pintura clara*. O menino com melhores condições descobriu, nesse dia, que existem *casas maiores, como a sua casa, e casas menores como a casa ao lado de sua casa*. Nesse momento, foi a primeira vez que o menino que morava na “casa maior” se deparou com uma realidade bem distinta da sua, pois sua vida é repleta de horários para tudo: *sentar-se para comer, despir-se para banhar-se no chuveiro, fazer o sinal da cruz, orou para dormir*, etc. Esta “descoberta” fez com que o menino rico refletisse sobre sua vida, sobre o mundo ao seu redor, sobre uma “vida dura”, diferente da sua. Essa reflexão o fez crescer como pessoa, e amadurecer muito, pois, em seu mundo perfeito, intocável, vivia feliz sem perceber a dureza da vida da maioria das pessoas. Além disso, ele espantou-se com o tamanho de seu vizinho, pois ambos tinham quatro anos, mas a diferença de estatura entre eles era grande. *Seria tão menor por não usar sapatos / ou porque mostrava a cabeça sem boné de feltro, / o corpo sem*

O conto é dividido em 10 partes, algumas são cartas que Rodrigo envia a Guilherme falando da saudade do amigo, das novidades da escola e da amizade com Tuca. As outras partes são cenas do cotidiano de Tuca e Rodrigo, em que acontecem fatos inusitados, a partir de uma trama divertida, instigante, provocativa e cheia de realidade de muitas crianças e adolescentes do Brasil.

Certo dia, Tuca, o garoto pobre, convida Rodrigo para ir comer pipoca no morro. A esse convite sucedeu a proposta de Rodrigo, para antes almoçarem juntos em sua casa e, somente depois, subirem o morro. No momento em que Tuca entra na casa de Rodrigo e vê a suntuosidade desta, ele se dá conta da diferença entre suas realidades.

E foi assim. No sábado ao meio-dia o Tuca estava chegando na casa do Rodrigo. Ele nunca tinha pisado num edifício daqueles: porteiro, tapete, espelho por todo lado, elevador subindo macio, empregada abrindo a porta pra ele entrar (BOJUNGA, 1987, p. 32).

Esse é o primeiro momento em que se tem a real consciência do abismo que cada vez mais se presentifica nesse relacionamento. O almoço na casa de Rodrigo seria a realização de um sonho: sentir pela primeira vez o sabor e a textura de um bife.

-Então você se encontra comigo na minha casa: a gente almoça e depois vai. O Tuca não respondeu logo. Ficou olhando pro tênis. Depois perguntou devagar: - Almoçar na sua casa? – É. Se olharam. – Então tá. E foi assim (...) Ele entrou. E quando viu o tamanho da sala; e quando entrou no quarto que o Rodrigo tinha (só pra ele?!) com TV, aparelho de som, armário em toda a parede (uma porta estava aberta, nossa! quanta roupa lá dentro); e quando o Rodrigo perguntou. – Tá com sede? – Tô – e foram na geladeira (que é isso! que cozinha tão grande! que cozinheira de uniforme! que monte de comida dentro da geladeira!) e o Rodrigo encheu um copo de suco de laranja: - Toma – o olho do Tuca ficou hipnotizado pelo lá-dentro da geladeira. Quando a porta da geladeira se fechou, o Tuca achou que o Rodrigo não ia achar uma idéia assim tão formidável subir uma favela todinha pra ir comer pipoca lá em cima (BOJUNGA, 1987, p. 32).

Após o almoço, os dois resolvem subir à favela. Tuca, então, faz uma pergunta a Rodrigo: - *Tá vendo que vista legal a gente tem aqui de cima?*

alertando-o para outro ponto de observação. O outro lado é bonito, não a favela em si. Quem olha de baixo, à noite, vê estrelas, que a favela não tem, e quem está no morro, vê a beleza que há lá embaixo. São visões que se confrontam e se desafiam. Os paradoxos do mundo moderno: coexistem o luxo e o lixo.

(...) Quando chegaram no alto o Rodrigo estava sem fôlego. O Tuca parou: - Eu moro aqui. – Entrou. Só os irmãos pequenos estavam em casa. Quatro. O Tuca foi apresentando a cada um. Os grandes ainda estavam “lá embaixo se virando”, e a irmã mais velha tinha saído. (...) Enquanto o garoto falava, o Rodrigo ia olhando pro barraco: dois cômodos pequenos, um puxado lá fora pro fogão e pro tanque, e a tal porta fechada que o garoto tinha mostrado e que devia ser um outro quarto; ou quem sabe o banheiro? Juntando tudo, o tamanho era menor que a cozinha da casa dele; e eram onze morando ali! e mais a mãe?! (BOJUNGA, 1987, p. 39).

Tuca e Rodrigo são personagens contrastantes, que muito pouco têm em comum, mas, na vivência de seus conflitos intra e interpessoais, constroem um elo possível, que, se não aproxima seus mundos, aproxima-os um do outro. No conto *O bife e a pipoca*, convivem o pobre e o rico, a fartura e a miséria. Embora vivam realidades opostas, rompem as fronteiras, desmistificam os abismos, que, nessa história, são muitos. Tuca vive na favela com mais dez irmãos, a mãe alcoólatra e um pai que sumiu no mundo, a irmã mais velha é responsável pelos irmãos, alguns não trabalham, mas “se viram”. Mora num barraco tão pequeno que caberia na cozinha do apartamento em que mora Rodrigo, filho único, cuja família retrata o modelo ideológico convencional: pai, mãe, filho e, acrescenta-se aí, uma empregada.

O bife, tão comum na mesa de Rodrigo, é objeto de desejo de Tuca, a quem a pipoca, alimento de fácil aquisição, é motivo de alegria. O tapete bege da casa de Rodrigo contrapõe o lameiro e o lixo da favela. Enquanto Rodrigo é sustentado pelos pais e tem dinheiro para o lanche, Tuca ajuda financeiramente a família, lavando carros.

Quando Tuca sai da escola ele vai direto ajudar um amigo a lavar o carro. Quer dizer, não era *bem* um amigo, era mais um patrão. (...) – Você pega aí um ou outro carro pra lavar e eu te dou 10% de tudo que eu ganho. O Tuca achou ótimo. E naquele dia mesmo começou a trabalhar. Mas aí foi acontecendo o seguinte: mal o Tuca chegava, o faxineiro ia pro botequim da esquina tomar umas e outras; quando voltava

se ajeitava num escurinho da garagem; logo depois 'tava roncando. E o Tuca ficava sozinho lavando tudo o que é carro que tinha pra lavar (BOJUNGA, 1987, p. 33).

Embora estejam inseridos em realidades tão contrastantes, os meninos construíram juntos, à custa de muitas tensões e reflexões, um laço muito forte: a amizade e o carinho que era recíproco. Tal processo culmina com a pescaria. É Tuca quem ensina Rodrigo a pescar. E a satisfação de se conseguir o próprio peixe está refletida no fragmento extraído do bilhete que Rodrigo escreve a Guilherme: *Alô Guilherme! tudo bem por aí? Hoje aconteceu um negócio sensacional: peguei um peixe!! Um abraçíssimo do Rodrigo (BOJUNGA, 1987:47).*

Enfim, o conto tematiza problemas sociais, gerados pela modernidade, e todo o enredo gira em torno das diferenças sócio-econômico-culturais. Essas diferenças geram tensões que dificultam a convivência, especialmente entre as crianças, que não entendem a lógica do mundo adulto, no qual imperam o preconceito e a discriminação. Embora não consigam resolver os impasses sociais, encontram uma forma de se relacionarem, sem as grandes tensões causadas pelas suas diferenças.

A história narrada nesse conto propõe um desafio: construir pontes sobre os abismos, tornar possível a convivência entre os “diferentes”, vencer as barreiras, buscar o elo que nos torna mais humanos. E é na voz de duas crianças (personagens não estereotipados) que fala um sujeito consciente das diferenças sociais, mas também um sujeito cujo desejo, talvez utópico, é ver as distâncias diminuídas, os abismos esquecidos.

A criação literária destes dois autores, Lygia Bojunga Nunes, no conto, e Apparicio Silva Rillo, na poesia, atenua a dor de uma realidade triste e conflitante, que só existe por causa da ambição desmedida de homens, que não conseguem libertar-se do egoísmo. Eles (os autores) conseguem, através de histórias criadas a partir do nosso cotidiano, representar toda essa sociedade desigual e injusta e abrir caminho para o debate e para a reflexão da realidade social na qual vivemos.

Referências

NUNES, Lygia Bojunga. *Tchau*. 3.ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1987.

RILLO, Apparicio Silva. *Poço de balde*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.